

O VEADO E A ONÇA DE ANA MARIA MACHADO:
O SENTIDO DO SER ECOLÓGICO E DA ECO (CASA)

O Veado e a Onça de Ana Maria Machado: el sentido de ser ecológico y de la Eco (casa)

O Veado e a Onça by Ana Maria Machado: the Sense of Being Ecological and of the Eco (House)

Maria da Luz LIMA SALES

Instituto Federal do Pará, Brasil

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de iniciar reflexões acerca do sentido do ser ecológico e da casa, a moradia, numa obra infantil *O Veado e a Onça*, recontada por Ana Maria Machado, um antigo relato feito por um anônimo nativo brasileiro de etnia tupi e inspirador do livro. Elaborou-se, para tal, um trajeto desse conto popular, desde o primeiro reconto, de Couto de Magalhães, passando por Sílvio Romero, Kaká Jecupé, até chegar à escritora carioca. Com base na filosofia de Leonardo Boff, que se ateu às questões do meio ambiente e ensina acerca dos caminhos e opções para uma vida em harmonia na Casa Comum; na sabedoria dos indígenas, que escreveram a Carta da Terra em 1992, importante documento a fim de que se salve o planeta; e nos estudos de Câmara Cascudo, Sílvio Romero, Barboza Rodrigues e demais autores pertinentes ao tema, em quem se buscou suporte vinculando-o à Literatura Infantil brasileira, pois a história de Machado constitui o primeiro registro de uma narrativa genuinamente nossa, na qual se observa a necessidade de lutar pela utopia e pela saúde do planeta, a fim de que se reconstrua a união perdida em nossa Terra Mãe.

Palavras-chave: literatura infantil; ecologia; casa comum; conto popular.

RESUMEN: El presente artículo tiene el objetivo de iniciar reflexiones sobre el sentido del ser ecológico y de la casa, la vivienda, en una obra infantil *El venado y el jaguar* recontada por Ana Maria Machado. Se trata de un antiguo relato hecho por un anónimo nativo brasileño de etnia Tupí. En el trabajo se ha elaborado la trayectoria de ese cuento popular, desde el primer relato de Couto de Magalhães, pasando por autores como Sílvio Romero y Kaká Jecupé, hasta llegar a la escritora carioca. Se ha hecho con base en la filosofía de Leonardo Boff, que se atreve a tratar las cuestiones del medio ambiente y muestra los caminos y opciones para una vida en armonía en la Casa Común; en la sabiduría de las poblaciones originales, que escribieron la «Carta de la Tierra» en 1992, importante documento para preservar el planeta; y en los estudios de Camara Cascudo, Sílvio Romero, Barboza Rodrigues y otros autores en los que se ha buscado soporte vinculándolo a la Literatura Infantil brasileña. Porque la historia de Machado constituye el primer registro de una narrativa genuinamente nuestra (brasileña), en la que se observa la necesidad de luchar por la utopía y por la salud del planeta, a fin de que se reconstruya la unión perdida en nuestra Tierra Madre (Pachamama).

Palabras clave: literatura infantil; ecología; hogar común; cuento popular.

ABSTRACT: This article aims to initiate reflections on the meaning of being ecological and of the house, housing, a children's play *El venado y el jaguar* retold by Ana Maria Machado. It is an old story made by an anonymous Brazilian native of the Tupi ethnic group. In the work, the trajectory of this popular tale has been elaborated, from the first story of Couto de Magalhães, passing through authors such as Sílvio Romero and Kaká Jecupé, until reaching the writer from Rio de Janeiro. It has been made based on the philosophy of Leonardo Boff, who dares to deal with environmental issues and shows the paths and options for a life in harmony in the Common Home; in the wisdom of the original populations, who wrote the "Earth Charter" in 1992, an important document to preserve the planet; and in the studies of Camara Cascudo, Sílvio Romero, Barboza Rodrigues and other authors in which support has been sought by linking it to Brazilian Children's Literature. Because Machado's story constitutes the first record of a genuinely our (Brazilian) narrative, in which the need to fight for utopia and for the health of the planet is observed, in order to rebuild the union lost in our Mother Earth. (Pachamama).

Key words: children's literature; ecology; common home; popular tale.

1. Introdução

O conto *O Veado e a Onça* faz parte de uma pesquisa maior, que resultou em uma tese de doutorado desta autora (Sales, 2019), sendo recontado por Ana Maria Machado (2004). Pertence à Literatura Infantil brasileira, que traz a novidade de ser uma das primeiras criações artísticas da literatura para crianças no Brasil, porque fora contada pelo general Couto de Magalhães em *O Selvagem* (1940), obra de 1876, e coletada de um anônimo nativo de etnia Tupi, servindo de motivação e inspiração à escritora carioca. Trata-se, pois, de uma história quase primordial, conforme nos ensina Coelho (2010), quando explica as origens da literatura, que, de início, era simplesmente narrada oralmente.

O artigo apresenta como objetivo refletir acerca do sentido do ser ecológico e da casa, nossa moradia, na obra *O Veado e a Onça*, de Machado. Para isso, considera-se inicialmente o termo ecologia: uma parte da Biologia que estuda as relações dos seres vivos com o meio ambiente, já nos reporta ao relacionamento do veado, personagem principal da narrativa, e sua arqui-inimiga onça e seu ambiente natural de convívio.

Estudaremos esta narrativa infantil, reunindo principalmente as pesquisas de Leonardo Boff (2001, 2017a e 2017b), que, preocupado com questões relacionadas ao meio ambiente, aponta-nos os conhecimentos acerca dos caminhos e opções para uma vida em harmonia na Casa Comum, isto é, a Terra. Também recorreremos à sabedoria de nossos indígenas, que escreveram a Carta da Terra em 1992, importante documento para a salvação do planeta. Por trabalharmos com versões de um conto popular ou lenda, citamos ainda Câmara Cascudo (1984), Sílvio Romero (1954), Barboza Rodrigues (1890; 1899), Couto de Magalhães (1940) e demais autores pertinentes ao tema em quem buscamos suporte ligando-o à Literatura Infantil brasileira, tratando-se este do primeiro registro de uma narrativa genuinamente nossa, que conta e reconta uma lenda indígena.

É importante salientar que, sendo uma obra da Literatura Infantil indígena, Machado colabora para a divulgação desta cultura tão rica e antiga, porém ainda negligenciada pela chamada literatura canônica, pois traz a autoria nativa do indígena brasileiro, personagem que sofreu, e ainda sofre, preconceito neste país, mesmo no século XXI. Ainda se considera, neste texto, que as narrativas indígenas foram e são contadas oralmente (e agora também por escrito) por nossos ancestrais e estão arraigadas à cultura amazônica, e que estão ervadas de sabedoria e beleza milenares.

Nosso intento iniciar-se-á elaborando um trajeto do conto *O Veado e a Onça*, desde o primeiro reconto, de Couto de Magalhães, passando por Sílvio Romero, Kaká Jecupé, até chegar a Ana Maria Machado com uma versão que escolhemos para este estudo. Em seguida, por tratarmos do tema Literatura e Ecologia, imbricados um no outro, desenvolveremos junto aos teóricos um conceito desta ciência, ligando-a à ideia de *logus* (razão) no tocante ao cuidado com o planeta Terra, conhecida pelos indígenas brasileiros como Mãe sagrada. Num terceiro momento, trataremos da harmonia que deve haver entre os membros de uma *Oikós* ou Eco (casa) e a necessidade de sermos todos ecológicos, de preocuparmos-nos com o meio ambiente, a nossa casa em comum.

2. A obra de Machado *O Veado e a Onça* e outras versões desta lenda

Classificada como uma narrativa já clássica da Literatura Infantil indígena, *O Veado e a Onça* tem várias versões e é recontada, neste texto, por Couto de Magalhães, Sílvio Romero, Kaká Jecupé e Ana Maria Machado. Com algumas poucas variações, pois quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto, a exemplo de Jecupé, que usa o termo onça em nheengatu: Iauaretê. A história recontada por Magalhães, que lhe foi narrada por um indígena Tupi, conta sobre um veado que, após escolher um bom local para construir sua casa, foi embora para voltar no dia seguinte. No entanto,

[...] a onça, ignorando a escolha prévia do veado, escolheu o mesmo lugar; [...] aquele veio depois da onça ter se retirado, roçou e limpou o lugar; [...] a onça, vindo depois da retirada do veado, julgou que Tupã a estava ajudando. E assim trabalharam sucessivamente cada um supondo que era Tupã quem fazia o trabalho do outro, até que, concluída a casa, quando deram pelo engano, resultando daí uma situação de recíproca desconfianças e que é descrita com tanta singeleza quanta felicidade de fatos. (Magalhães, 1940: 251)

A narrativa de Romero é quase idêntica à de Magalhães, inclusive no final, quando ambos não conseguiam dormir dado o cansaço de um vigiar o outro e, à noite, ambos com medo e muito sono, um desconfiado que o outro viesse apanhá-lo por serem os dois inimigos figadais. De repente, «a cabeça do veado esbarrou no jirau e fez tá! A onça, pensando que era o veado que já a ia matar, deu um pulo. O veado também se assustou e ambos fugiram, um correndo para um lado e outro correndo para outro» (Romero, 1954: 334).

Kaká Jecupé escolheu para título da sua versão: «Iauaretê e anta», um dos contos de *As Fabulosas Fábulas de Iauaretê* (Jecupé, 2007), trazendo algumas

mudanças no enredo, principalmente no desfecho e tendo como um dos protagonistas uma anta ao invés do veado. Seu livro é do tipo de narrativa com estrutura de gênero encadeado, isto é, construída com episódios que concatenam o primeiro ao segundo e, assim sucessivamente, montando histórias que só terminam ao final derradeiro.

O conto da onça, chamada Iauaretê, imprime diferenças quanto à versão clássica narrada por Magalhães (idêntica à de Romero) e por Machado, pois, ao descobrirem que o trabalho de construção da casa era comum, e mesmo não querendo dividi-la, resolvem morar juntos apenas por um tempo, enquanto labutavam para erguer duas casas, uma para cada um dos animais, já que nem um nem outro suportava a presença do rival.

Chamamos atenção ao vocábulo rival, que, segundo Portella (1984: 117) provém de «rio» ou *rivus* – do latim + *al*, como sufixo de adjetivo qualificativo, o qual significa, no sentido literal, que vive na «mesma margem do rio» –, porque, na história de Jecupé, era o que acontecia com Iauaretê e a Anta (Sales, 2019). Ambos rivais e vivendo perto do rio, em sua mesma margem, odiando-se e tentando conviver, mas não conseguindo, afinal, por serem de índoles diferentes.

O fim da narrativa contada por Jecupé traz um tom romântico à cena. Após discutirem muito pela vivenda construída com seu suor, resolveram os dois esquecer suas adversidades e tentar manter a paz: «Aprenderam a solidariedade. Talvez fosse isso que Tupã pretendia. Hoje em dia são vizinhos, embora um viva sempre prestando atenção no outro com toda a desconfiança de antas e onças que são» (Jecupé, 2007: 13). Edificaram duas moradias, uma para cada um deles, mas se tornaram vizinhos, o que seria difícil para a condição da dupla adversária.

Ana Maria Machado conta sua história com arte e humor, enriquecendo-a com mais estratégias espertas da parte do veado, considerado mais fraco que a onça. O motivo é o mesmo: o Veado e a Onça resolvem construir, cada um, sua casa no mesmo lugar, ignorando tratar-se do mesma habitação. Cada vez que a encontram novamente, e sempre com um detalhe a mais pronto, imaginam que se trata de Tupã que os está ajudando.

Quando finalmente descobrem tratar-se da casa em comum, ficam espantados, mas não querem abrir mão dela, uma vez que deu tanto trabalho para construí-la. E, mesmo sem o desejar, resolvem dividi-la irmanamente, embora sabendo serem animais visceralmente inimigos e um ter hábitos diurnos e o outro, noturnos. Com o tempo, perceberam que não poderiam habitar o

mesmo espaço: a onça resolve que devorará o veado assim que houver uma boa oportunidade.

Mas a onça não esperava que o veado pudesse se revelar tão corajoso e matreiro. Apavorado e prevendo que seria abatido pela onça, ele não se faz de rogado e elabora um plano perfeito para fugir do destino cruel de virar comida de onça. O veado contou para os amigos sua preocupação e eles o ajudaram a pôr em prática o seguinte traçado: um deles havia visto na aldeia uma pele de onça para secar ao sol. Resolveram pedi-la emprestada e o veado pensou em, mais tarde, contar à onça a novidade, isto é, do «tapete novo para a casa» (Machado, 2004: 23).

Tiveram muita sorte e, pode-se dizer que aí sim Tupã os ajudou, pois ao voltar para a moradia do veado com a pele de onça, encontraram outra onça que havia caído da ribanceira e estava morta. E a levaram junto com a outra pele. Só que este cadáver de onça era tão pesado que precisavam, a todo momento, segurá-lo com os chifres para que não caísse e, assim, ele ficou todo furado por causa das chifradas.

Ao chegar em casa, o veado viu a onça acompanhada de uma outra amiga e ficou assustadíssimo. Ela perguntou se ele se importava de ter mais alguém para o «jantar». O veado disfarçou firmemente o pavor, dizendo que não, pois estava realmente com vontade de fazer uma festa e, na mesma hora, estendeu o tapete de pele de onça no chão. As onças viram primeiro aquela pele de onça e, depois, de mais uma outra falecida, toda furada de chifres de veado, ficando apavoradas. Deram uma desculpa, dizendo que iam morar juntas e desapareceram.

Percebemos que a versão de Machado foi fiel à narração indígena dada pelo Tupi, levando-se em conta que Romero apenas a copiou, embora ela a tenha enriquecido com mais detalhes engraçados, mais de acordo com o gosto do público ao qual é endereçada: infantil. Ela não adulterou o motivo central da trama, apenas a incrementou deixando-a mais leve e divertida às crianças, suas leitoras, além de embelezá-la com as ilustrações de Suppa, artista plástica reconhecida, que proporcionou à narrativa um colorido, aproveitando o amarelo da onça-pintada brasileira, um animal belíssimo e, por si só, já pitoresco.

A lenda *O Veado e a Onça* pertence a um ciclo de histórias de animais, muito presente na Literatura Indígena brasileira, contada de pais a filhos por gerações contínuas desde antes da chegada dos portugueses ao Brasil em 1500. Os contos populares ou lendas do Brasil fizeram parte dos estudos de Sílvio Romero (1954), que dividiu-os em contos de origem europeia, indígena e os de origem africana e mestiça. Esta concerne ao ciclo da onça, com «A Onça e

o Bode», «A Onça, o Veado e o Macaco», «A Raposa e a Onça» e «A Onça e o Coelho», reportadas por Romero, mostrando que existem também os ciclos de outros animais da floresta.

Nossos indígenas – em suas porandubas, reuniões para contar histórias à beira da fogueira – e seus descendentes possuem um bestiário, composto de inúmeras lendas protagonizadas por animais da fauna brasileira. São fábulas especiais pois não seguem a mesma lógica de fabulistas como Esopo, Fedro e La Fontaine e seus seguidores como Monteiro Lobato, não possuem finalidade moralista, servindo apenas para passatempo, conforme nos reporta Barbosa Rodrigues (1890), sem uma moral implícita ou explícita ao final. Seu ensinamento é mais ameno, por mostrarem o sentido prático, a lógica e sabedoria dos mais fracos e pequenos contra os mais fortes, corpulentos e poderosos e suas espertezas, sempre com tom humorístico.

Estudadas por Câmara Cascudo, que afirma que os indígenas possuem um conjunto de histórias, mitos e lendas a completar o sentido de sua vida, consumindo alegremente horas e horas, dias e dias, noites e noites seguidos de contação de narrativas sobre «guerra, caça, pesca, origem de várias cousas, o amanhecer de sua tribo no mundo» (Cascudo, 1984: 87). Desta profusão de lendas de animais, criaram-se ciclos, como o do jabuti, da onça, como esta do veado e da onça, que Machado renarra com *engenho e arte*, narrativa que nos evoca a casa (eco), símbolo de proteção e acolhimento.

3. O conceito de Ecologia (*oikos* + *lógos*)

Se formos atentar para com a saúde e equilíbrio do planeta, primeiro, devemos nos dirigir aos indígenas, verdadeiros donos do território, por serem pessoas sábias, que têm a Terra-mãe como sagrada, um santuário, depositando nela suas esperanças de fornecer-lhes sempre morada, alimento (ao mesmo tempo para o corpo e para o espírito), utensílios importantes para a sobrevivência e recreação, com suas belas paisagens: praias, rios, cachoeiras, céus estrelados...

No século XXI, uma das maiores lutas em nível mundial é pela saúde do meio ambiente, pela nossa casa (*eco*) comum, luta ecológica. A palavra Ecologia vem do grego *oikos* «casa» e *lógos* «ciência», termo criado e utilizado, pela primeira vez, na obra do biólogo naturalista alemão Ernest Haeckel (1866): *Generelle Morphologie der Organismen* ou Morgologia geral dos Organismos em português. Para o autor, *Oecologie*, ao significar o estudo da casa, literalmente,

mostra a estreita ligação entre todos os seres do planeta, como fazendo parte de uma única teia.

Leonardo Boff, teólogo e filósofo, chama-nos a atenção ao fato aprendido com os indígenas de que todos nós constituímos essa teia, «uma cadeia única e sagrada da vida» (2001: 156). O que sabemos pelos livros, eles o intuem há séculos e séculos com a observância atenta à natureza e a seus seres, dos maiores aos mínimos. A partir dos organismos mais simples, como as bactérias, aos mais complexos, «somos formados basicamente pelo mesmo código genético e pelos mesmos elementos físico-químicos» (Boff, 2001: 156), constituindo-nos como irmãos que realmente somos, filhos do planeta. Então, por que não nos comportarmos como tais?

O conceito de Ecologia, nova ciência surgida e que visa à casa em comum, o planeta Terra, designaria, segundo o sábio alemão Haeckel, «o estudo das relações dos animais e plantas com o ambiente, como um novo campo de pesquisa» (Nucci, 2007: 82). Esse ramo da ciência, fala-nos este autor, pesquisa sobre o ecossistema e surge, desde o século XVI, de novos conhecimentos científicos e descobertas acerca da ecologia, abrindo caminho para outras percepções, que veem animais, vegetais e minerais do globo terrestre como interligados e interdependentes uns em relação aos outros. Se um desses elementos desaparece, desestrutura-se toda a cadeia.

Em viagem pelo continente americano no século XVIII, Humboldt, citado por de Nucci (2007: 81): «já tinha uma firme convicção de que era possível descobrir os vínculos existentes entre os seres vivos e a natureza inanimada, estudar suas relações mútuas e explicar como se distribuem no espaço». Essas informações nos remetem aos estudos hodiernos, tal qual o pensamento indígena, conforme nos mostra Daniel Munduruku (2003: 7), escritor de Literatura Infantil indígena, ele mesmo um indígena da etnia Munduruku, que demonstra acreditar sermos «apenas um fio na grande teia da vida». Essa teia à qual se refere Munduruku é a mesma que liga todos os seres do planeta Terra de que fala Haeckel.

Esse pensamento vai ao encontro do que vemos na Encíclica *Laudato Si*: sobre o cuidado da casa comum (2015: 139), do Papa Francisco, a qual declara que não se pode «considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida», ou seja, coincide com a filosofia indígena. Estamos todos envolvidos no mesmo paradigma de destruição da natureza em que somos todos afetados. A Carta Circular é um apelo a todas as pessoas para que sejam mais cuidadosas do meio em que vivemos, a fim de que tenhamos

mais consciência ao consumir e também a termos compaixão de nossos irmãos que têm mais dificuldades econômicas.

O cuidado consigo e com o outro (esse outro abrangente) constitui numa das maiores sabedorias do ser racional, destacada nos mitos mais antigos de que se tem conhecimento, como também nos de estudos contemporâneos (Boff, 2017b). Cuidamos de nossa casa para que ela esteja sempre limpa, arrumada e agradável, além de nos atermos aos habitantes dela, para que convivam bem porque afinal é um lar. E, assim como cuidamos deste, devemos cuidar de tudo que nos rodeia, sejam animais de toda natureza, vegetais ou minerais, enfim, tanto de nós mesmos como do planeta e de todo o cosmos.

Quando falamos em Ecologia, obrigatoriamente também nos referimos à sustentabilidade, e Boff, um dos redatores da Carta da Terra (documento escrito primeiramente no início dos anos 1990 do século passado, na Eco-92, ratificada em 2000), nos apresenta nela uma visão holística de todos os elementos que compõem o planeta e seu ecossistema. Ele nos diz que a sustentabilidade é uma questão de vida ou morte (Boff, 2017a), questão de suma importância, pois jamais se viu na história ameaça maior ao futuro comum da humanidade do que hoje:

Sempre houve entre os povos a percepção de que a vida é una e sagrada. Há uma única corrente de vida, mas com muitos elos diferentes. [...] Por causa da unidade da corrente somos todos irmãos e irmãs uns dos outros. Por causa da diversidade dos elos, somos todos diversos uns dos outros. (Boff, 2001: 25)

Na Conferência Mundial dos Povos Indígenas sobre Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento e na Carta da Terra dos Povos Indígenas, estes nos confirmaram, no item 32, que em seus territórios – ao longo dos séculos – sempre mantiveram uma relação determinante de respeito para com todos os habitantes naturais da Terra. Já no item 67, reconhecem a relação de equilíbrio entre os seres e exigem que os valores de sua cultura (tão enormemente diversa, pois há ainda inúmeras etnias indígenas no Brasil) e seus modelos de desenvolvimento realmente sustentável sejam devidamente respeitados, uma vez que se configuram como fonte de sabedoria milenar.

As nações indígenas já habitam a Terra como nômades desde o início dos Tempos, como filhos diretos e legítimos do Grande Criador, segundo sua crença. E no solo brasileiro sempre viveram e sobreviveram apesar das dificuldades, cuidando bem deste chão que chamam de Mãe Natureza. No quesito Cultura, Ciência e Propriedade Intelectual da mesma Carta da Terra, no item 84, dizem temer que esta Mãe não agüente os frequentes golpes que a estão

deixando enferma, temendo que, com tais agressões, a vida humana se torne inviável, devendo, nós, buscarmos sua cura bem como a nossa auto-cura, pois nós, os não-indígenas, também nos encontramos doentes.

Aquino e Zambam (2017) reportam às palavras de Boff, o qual também esclarece o sentido exato da expressão Casa Comum tão somente quando se leva em conta o cuidado por ela e sua importância para o Outro, e este Outro é tanto os humanos como não-humanos. Esses dois autores corroboram o esforço de «consolidar projetos para uma vida comum na qual partilhe todas as adversidades a fim de superar esses momentos e incentivar – mais e mais – condições de dignidade a todos» (Aquino e Zambam, 2017: 105).

Temos um *destino comum* e um único planeta, do qual faz parte a humanidade. Um planeta azul que, ao ser visto de fora, percebe-se que forma um todo só, uma só entidade (Boff, 2017a). Então, teremos de cuidar o melhor possível desta casa, este organismo vivo que nos mantêm pulsantes. E tanto o veado quanto a onça (que constituem metáforas de todos nós) fazem parte deste sistema da Grande Casa em que devemos esquecer as inimizades, deixando aflorar a solidariedade e a consciência, trabalhando para a reconstrução do que sobrou desta habitação divina, pois ela nos abriga há milênios e se encontra agora degradada e necessitada de respeito e consideração.

Lutemos, portanto, em prol de um bem maior, contra o espírito de destruição que se abateu sobre o planeta (e sobre todos nós) e está em curso contínuo nos últimos séculos, preservando os laços que nos unem fraternalmente. Hoje se deteriora não só a saúde da Terra, mas também as relações humanas em que, ontem, parecia haver mais solidariedade e respeito. É urgente atuarmos conjuntamente contra um processo que, segundo as últimas pesquisas, até meados deste século fará desaparecer «definitivamente, mais da metade das espécies animais e vegetais atualmente existentes» (Boff, 2017b [Página irregular]). E junto com tais espécies sucumbirá todo um saber concentrado e que se tem constituído há milhares de anos, com tanto suor, acumulado durante todo esse tempo por cientistas, filósofos e demais estudiosos de várias civilizações, segundo o mesmo Boff (2017b).

4. A harmonia entre os seres na ECO

As lendas indígenas de animais têm algo diferente das demais, pois seus personagens tratam uns aos outros como parentes, e tal característica ocorre até hoje, com eles utilizando tratamentos como se fossem da mesma família:

cunhado, genro, tio, tia: «Tio vento, você que corre pelas campinas...», «Tia Árvore, você que com sua copa chega quase ao céu...», «o Sol e a Luz disseram às moscas: — Irmãs, vão dizer aos pássaros...», «Encostou-se no tronco da castanheira e falou: — Vovó, eu quero ficar igual a você!» (Boff, 2001: 41, 43, 83). Esse tipo de tratamento equipara todos em uma mesma família comum, na qual não se sente que um é maior ou melhor do que o outro. Este deve ser o paradigma a tomarmos na vida do planeta de agora em diante.

Barbosa Rodrigues (1899: 205) nos revela o que hoje ainda os ribeirinhos e demais habitantes amazônicos sabem: «a theogonia indígena, especie de totemismo, até hoje considera cada especie vegetal ou animal filha de um espirito protector, sendo uns mais poderosos do que outros, porém sujeitos a uma mãe comum Cy». Esta divindade suprema chamada «Cy» seria «o grande espirito creador, que é symbolisado por *mboia açu*, a cobra grande...» (Rodrigues, 1899: 205). Da Cobra Grande também nos fala Couto de Magalhães (1940) no mito indígena «Como a noite apareceu:

No principio não havia noite – dia sómente havia em todo tempo. A noite estava adormecida no fundo das aguas. Não havia animaes; todas as coisas falavam.

A filha da Cobra Grande – contam – casara-se com um moço [...]. (Magalhães, 1940: 231)

Um mundo paralelo, mas igualmente belo, onde se casam homens/mulheres com animais. Fazem parte dessa mesma crença os vegetais e animais e até os minerais, rios e lagos, todos possuidores de espírito – para quem se deve respeito – tal como nós, seres humanos, conforme convicção religiosa de muitos. Tais seres espirituais habitam o reino das águas (em suas profundezas, a exemplo do Boto e da Iara) bem como o centro da terra (Rodrigues, 1899: 205).

Acerca das fábulas, ou histórias de animais, Barbosa Rodrigues (1890: 143), em Poranduba Amazonense, nos conta que:

A princípio simples narrativas, depois contos e mais tarde mythos ou fabulas, em que a poesia transfere para seres irracionais a intelligencia humana para melhor calar no espirito a moralidade. O indio, entretanto, nos seus contos não faz mais do que retratar os seus personagens, para melhor se conhecerem seus hábitos, ou apresentar factos historicos transformados em mythos pelo correr dos séculos.

Da lenda *O Veado e a Onça*, Magalhães (1940: 250) recolheu a seguinte máxima: «Quem mora com o seu inimigo não póde viver tranquilo». Mas, quem é nosso real inimigo em comum? Da simplicidade de contos como este, provém «um espirito culto e perscrutador [que] póde extrahir a historia e a

moralidade» (Rodrigues, 1890: 144). Porém sempre ocorrerá neles um quê do indígena, seu saber acumulado há muitos anos de experiência, ouvindo os sons da natureza, tratando-a com veneração e respeito que se deve ter às mães. Seu costume é de jamais abater qualquer animal que seja, de todos os reinos, simplesmente por veledade e, mesmo que se precise fazer grandes caçadas, pescarias e derrubar árvores, eles têm o hábito de realizar rituais com pedidos de desculpa à Mãe Natureza, «para não violar a aliança de amizade entre todos os seres» (BOFF, 2001: 156). Eis um dos preceitos e costumes que precisamos aprender com nossos irmãos indígenas.

Ana Maria Machado, Sílvio Romero, Kaká Jecupé, juntamente com Magalhães, ao recontar tais histórias nos ajudam a conhecer um país ainda desconhecido até do brasileiro, um lugar que é, ao mesmo tempo, de descendentes de europeus, mas também de indígenas e de afro-brasileiros, além de outras culturas. O Brasil é nossa casa comum e devemos aprender a habitar o mesmo espaço sem depredá-lo, sem discriminarmos uns aos outros, conhecendo nossas belezas, pois todos nós temos belezas em nossas culturas, por sermos um país multicultural.

Boff (2001: 155) nos informa que nosso planeta Terra e a raça humana chegaram a um estágio diferente de evolução, a chamada fase *planetária*, pois «Crescem os laços de interdependência de todos com todos e, consequentemente, a consciência planetária de que a Terra e os seres humanos têm um destino comum». O filósofo ainda lembra que cada cultura, cada etnia, por milhares de anos, contribui e contribuiu com seu quinhão cultural, todas são importantes e nenhuma deve ser negligenciada.

Finalmente, Boff (2017a) nos diz que as pessoas de hoje perderam a fé, resignando-se na tristeza. Uns seguem os preceitos de Nietzsche, considerando que, uma vez que Deus está morto, tudo é permitido, caindo num niilismo sem fim e suicida. O pensador afirma que o homem se comporta como um deus, acreditando que a ciência e a técnica tudo podem, tudo dominam, mas, com esse pensamento, o homem acabou exigindo muito de si mesmo, além do que consegue suportar. Tanto desenvolvimento mostra sua outra face: a da destruição. Faz-se necessário, então, um novo resgate do divino.

Nas três versões da lenda indígena, vemos a presença de Tupã, Deus indígena pertencente à sua Teogonia, que é explicitada por Magalhaes (1940): resume-se a que todos os seres criados possuem mãe, já referido antes, e o instigante é que, ao se dirigir a um Deus, os indígenas não usam a palavra «pai», apenas «mãe». Magalhães nos explica que há três divindades superiores: «o

Sol, que é o criador de todos os viventes; a Lua, que é a criadora de todos os vegetais; e Perudá ou Rudá, o deus do amor, encarregado de promover a reprodução dos seres criados» (1900, p. 158). Todos eles protetores.

Para a filosofia de vida indígena, a ideia de divindade difere da de outras crenças – que a veem como um ser superior, separado de nós, mortais –, pois esta se confunde com a própria natureza, tão envolvidas estão uma noutra. Chamamos de animismo (de *anima* ou *animus*, do latim alma) a antiquíssima religião indígena, isto é, de quem crê que todos os seres possuem alma ou espírito. O trecho seguinte é de uma obra de Munduruku, *Meu vô Apolinário*, na qual o autor expressa sua relação amorosa com familiares, com Deus e sua ideologia religiosa, aquela que iguala e irmana todos os seres:

– Nosso mundo está vivo. A terra está viva. Os rios, o fogo, o vento, as árvores, os pássaros, os animais e as pedras, estão todos vivos. São todos nossos parentes. Quem destrói a terra destrói a si mesmo. Quem não reverencia os seres da natureza não merece viver. (Munduruku, 2001: 33)

Em um de seus contos da obra já citada, Kaká Jecupé (2007) traz a protagonista Iauaretê, uma onça que caiu na armadilha-buraco de um onceiro, caçador de onças. Por estar faminta (talvez por já haver pouca caça na floresta), a onça, apressada, não observou a arapuca e foi capturada sem compaixão. Desesperada, Iauaretê reza a Tupã para que a ajude pois certamente será morta pelo onceiro, desejoso de seu couro raro para o vender. Essa narrativa é infantil, mas mostra todo o drama da dura vida de um pobre felino que cai nas garras do inimigo contra quem não é possível vencer: o homem.

No início, em seu tormento, gritando por Tupã, nem percebe, por Sua voz ser suave, que Ele já a ouvira e estava lhe respondendo em um sussurro. Esse excerto é curioso por mostrar as fraquezas e cegueiras humanas na hora da aflição. Tupã fala a ela e, depois de conseguir se acalmar um pouco, Iauaretê O escuta. Ele lhe pede calma e fé, pois, com sabedoria, ela mesma irá sair daquela situação dolorosa, ela própria será capaz de encontrar a força dentro de si mesma. E é isso o que acontece nessa história.

Após se recuperar (e ouvi-IO), Iauaretê, extenuada pelo nervosismo, acaba adormecendo e tendo vários sonhos (que são as narrativas que compõem o livro) e, mais equilibrada e refeita, consegue raciocinar e dar um salto para sair do buraco em que se encontrava. O mesmo poderá acontecer com os habitantes do planeta Terra, se fizermos uma pausa para pensar em nossas ações. Resta uma esperança aos seres ainda vivos do planeta. Um salto para um futuro

– como o da onça –, mais consciente e cuidadoso de nossa natureza, que, afinal, é a própria natureza humana, em suas inúmeras diversidades e riquezas espalhadas pelo globo.

5. Conclusão

O Veado e a Onça, ao viverem às turras, acabam por ter um desfecho de desencontro e separação ao invés da sonhada harmonia por Tupã, a qual faz a força. Um desconfiando e com medo do outro, são o branco e o não branco de hoje (e de ontem), a mulher e o homem, a criança e o adulto, o velho e o novo, o bicho e o homem (ou mulher), o pobre e o rico, o heterossexual e o homossexual, o «normal» e o «especial». Com sua falta de empatia e inimizades, são inimigos eternos a procurar um modo de se destruírem um ao outro e à Casa Comum, ao invés de coabitarem na Terra Mãe, que é a genitora e provedora de todas as suas necessidades.

Ambos têm, no peito, a vida que pulsa, e representam cada um de nós (em suas/nossas mazelas), pois somos parte da essência global e por isso não a devemos destruir. O Veado e a Onça seguem errantes em busca de outras paragens, mas, o que deveriam fazer é ir ao encalço de um novo começo, conforme recomenda-nos a Carta da Terra. Buscar o diálogo, o entendimento, difícil porém possível. No início da narrativa de Machado, eles buscavam uma utopia, um lugar perfeito que todos buscamos, de muita luz solar e ao abrigo dos ventos cortantes.

Ao encontrá-la – porque a Terra, no fundo é um verdadeiro Éden, se olharmos com atenção as belezas explícitas: mares de um verde de esmeralda com areia limpa em sua barra; rios de águas potáveis, doces e abundantes, cachoeiras cantantes que brilham ao sol, florestas de um verde aconchegante e necessário –, resolveram construir sua casa, seu abrigo contra as intempéries da vida. Mas, é preciso acreditar na utopia, nesse paraíso a fim de que reconstruamos a união perdida em nossa grande Casa Comum.

Para isso, há necessidade de mudança, como aconselha Boff, na mente e no coração, mudança responsável e de todos. Os indígenas ainda estão aí e nos dão grandes lições de um harmonioso convívio com tudo de que precisamos (sem excesso) que há na Mãe Terra, em sua mágica do *bem viver*, com os presentes ofertados por essa generosa genitora, em proximidade essencial com a natureza, relação esta ao mesmo tempo espiritual e físico-cultural.

Num mundo triste em que habitamos, o pensamento boffiano destaca a falta do toque humano, do tão importante contato entre seres (nem tanto) racionais e os ditos irracionais. O Veado e a Onça da obra de Machado são animais representantes de homens e mulheres que não buscam o diálogo e o entendimento, por causa de suas naturezas tão díspares e adversárias. Trata-se de uma lógica das fábulas infantis, inicialmente contadas ao público adulto, mas que as crianças trouxeram também para si, que foram escritas há milênios, de uma literatura primordial e apenas para serem contadas oralmente, por autores incertos ou quase anônimos, dada a antiguidade.

Elas contêm todos os ingredientes necessários a uma boa reflexão acerca de nossos atos não tão edificantes, mas mostram a sabedoria de que necessitamos, se quisermos continuar a espécie humana. Belos registros de um comportamento que não muda, assim como a essência humana é imutável em características como a necessidade de ter um teto (que não nos caia na cabeça), um abrigo para nossa eterna fome de afeto e calor a nossos corpos que lutam para a sobrevivência não só dos mais fracos mas de todos, grandes e pequenos que fazem parte deste espaço grandioso chamado Terra.

Referências bibliográficas

- Aquino, Sérgio Ricardo Fernandes de; Zambam, Neuro José. (2017). «A “Casa Comum”»: por uma Epistemologia do Cuidado e Justiça para a América Latina». *Veredas do Direito*, Belo Horizonte: 14, 101-123. <http://www.domhelder.edu.br/revista/indez.php/veredas/article/view/000>.
- Cascudo, Luís da Câmara. (1984). *Literatura Oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Coelho, Nelly Novaes. (2010). *Panorama da Literatura Infantil/Juvenil: das Origens Indo-europeias ao Brasil Contemporâneo*. Barueri, SP: Manole.
- Conferência Mundial dos Povos Indígenas sobre Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio-92. *Carta da Terra*. Comitê Intertribal – Memória e Ciência Indígena, 1992.
- Boff, Leonardo. (2001). *O Casamento entre o Céu e a Terra*. Ilustrações de Pata Macedo e Adriana Miranda. Rio de Janeiro: Salamandra.
- Boff, Leonardo. (2017a). *Sustentabilidade: o que É: o que não É*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Boff, Leonardo. (2017b). *Saber cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Francisco. (2015). *Laudato Si: sobre o Cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Paulus / Loyola.

- Jecupé, Kaká. (2007). *Werá. As Fabulosas Fábulas de Iauaretê*. São Paulo: Peirópolis.
- Haeckel, Ernest. (1866). *Generelle Morphologie der Organismen*. Berlin: Duck und Verlag von Georg Reimer.
- Machado, Ana Maria. (2004). *O Veado e a Onça*. Editora Ftd.
- Magalhães, Jose Vieira Couto de. (1940). *O Selvagem*. Rio de Janeiro.
- Munduruku, Daniel. (2001). *Meu vô Apolinário: um Mergulho no Rio da (minha) Memória*. São Paulo: Pierópolis.
- Munduruku, Daniel. (2003). *Coisas de Índio: Versão Infantil*. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Calis.
- Nucci, João Carlos. (2007). «Origem e Desenvolvimento da Ecologia e da Ecologia da Paisagem». *Revista Eletrônica Geografar*, Curitiba: 2, n. 1, 77-99.
- Portella, Oswaldo. (1984). *Vocabulário Etimológico Básico do Acadêmico de Letras*. *Revista Letras*, 33, 103-119.
- Rodrigues, Barboza. (1890). *Poranduba Amazonense*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos.
- Rodrigues, Barboza. (1899). *Muyrakyatã e os Ídolos Symbolicos: Estudo da Origem Asiática da Civilização do Amazonas nos Tempos Prehistoricos*. Rio de Janeiro: Imprensa nacional.
- Romero, Sílvio. (1954). *Contos Populares do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Sales, Maria da Luz Lima. (2019). *A Literatura Infantil Indígena como Meio de Promoção da Educação Multicultural: a intervenção didática em uma escola de Belém (Brasil)*. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade de Évora, Portugal. Belém.